

Roteiro dos Slides parte IV

Os comentários sobre os slides são para ajudar quem vai dar o curso pensar na sua fala que deve ser curta. Não devem ser passadas todas as informações contidas nos comentários. A intervenção para cada slide deve se manter na média em menos de 1 minuto.

1. História do Movimento Operário e suas Correntes.

2. Parte IV: Triunfo da Contrarrevolução Stalinista

3. O Testamento de Lenin

- “Ao fim de Dezembro de 1922, o já inválido Lenin começou a ditar uma Carta ao XIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, onde expõe sua opinião sobre certas propostas, incluindo a de ampliar o Comitê Central do Partido além de sua opinião sobre certos membros propostos a cargos de liderança no CC e no Partido. Esta Carta, que se denominou o "testamento" político de Lenin, foi lida aos delegados do Congresso realizado em Maio de 1924 por Krupskaya, companheira de Lenin, os delegados do Congresso, por vê-la como parte da discussão interna do Congresso não a publicaram no momento. Logo, pela opinião negativa de Stalin no que a Carta se expressa, ela foi suprimida até o XX Congresso do PCUS em 1956.”

4. Derrota da Revolução Alemã 1923

- “A Alemanha, derrotada na Primeira Guerra Mundial, ficou totalmente esgotada pelos grandes pagamentos de indenizações a que foi obrigada pelo tratado de Versalhes. Em janeiro de 1923, a França ocupou o Vale do Ruhr (o coração industrial da Alemanha) pela falta de um desses pagamentos. Com essa ocupação a economia alemã desabou. (...) Em junho, julho e agosto foram realizadas greves de massas, dos operários da cidade e do campo. Até finalmente uma greve geral dirigida pelo Partido Comunista Unificado (...) provocou a queda do governo, em 11 de agosto. Formou-se um novo governo encabeçado por Stressemann e o Partido do Povo (ligado aos maiores capitalistas), que incluía o Partido Socia. l Democrata. (...) Porém as coisas não melhoram. (...) Os social democratas começaram a perder influência por estarem no governo. Em contrapartida os 300.000 militantes do Partido Comunista Unificado dirigiam greves e mobilizações por todo o país, sua força crescia nos sindicatos e, principalmente, nos comitês de fábrica. Desde junho, Trotsky vinha insistindo no Komintern (...) que se deveria preparar o partido alemão para disputar o poder e se oferecia para viajar pessoalmente para a Alemanha. Zinoviev como presidente da Internacional não apoiou a posição de Trotsky, e Stalin aconselhou que ‘os alemães se contenham e não ataquem’ porque se o poder na Alemanha, por assim dizer, caísse nas ruas e os comunistas o agarrassem, tal operação terminaria em um fracasso e um colapso’. Essa posição da Internacional se combinou com a debilidade da direção alemã, que segundo as palavras de Trotsky ‘estava impregnada de fatalismo e sonolência’. Essa direção, débil e insegura, não podendo responder à situação, ordenou a retirada (...)” Alicia Sagra, História das Internacionais Socialistas. São Paulo: Editora Jose Luís e Rosa Sundermman.2005.
- “É no dia seguinte à revolução, abortada de 1923, na Alemanha, que Stalin avança uma justificação teórica que se tornava necessária à sua política. foi a teoria sobre a possibilidade, e, finalmente, sobre a necessidade de “construir o socialismo num só país”. Ele aborda a questão

por meio do prefácio de seus escritos de 1917, intitulado, “A Revolução de Outubro e a tática dos comunistas russos”. Ele explica aqui a derrota da revolução alemã pelo fato de que o proletariado não tinha o apoio do campesinato, diferentemente do que ocorreu na Rússia, em 1917. Ele quer demonstrar que as perspectivas da revolução mundial de Trotsky, deixavam somente ao povo russo a perspectiva de “vegetar em suas próprias contradições e de apodrecer ainda no pé esperando a ‘revolução mundial’”. Apoiando-se em uma citação de Lenin que ele teve que manipular para utilizar, ele garante: ‘A vitória do socialismo num só país é evidentemente possível e provável, mesmo se este país é menos desenvolvido do ponto de vista capitalista e mesmo se o capitalismo subsiste em países mais desenvolvidos do ponto de vista do capitalismo.’ (...) Não se trata mais da hipotética e longínqua revolução mundial, mas do socialismo que está se construindo, desta Rússia que deu o exemplo e é assunto de todos. Ao mesmo tempo, são garantidas as hegemonias principais dos russos e de seu partido no Comintern, a subordinação desta à política exterior e a defesa do ‘socialismo’ de Stalin. Trotsky, Zinoviev e Kamenev e os outros oppositionneri não se enganam mais a esse respeito. Em seu combate contra a política de Stalin., eles mostram como esta pseudoteoria não era nada além da justificação de uma atitude que se desinteressava da revolução mundial e se preparava para combatê-la (...)” .”. Pierre Broué, *História da Internacional Comunista: A ascensão e a queda*. São Paulo: Sundermann, 2007.

5. Segunda Revolução Chinesa 1925-1927

- “Em 1927, 55% do campesinato chinês não possuía terra e 20% tinha parcelas tão pequenas que não satisfaziam suas necessidades de consumo. (...) O salário industrial médio era de US\$1,00 por mês, enquanto o salário mínimo de subsistência calculado pelo governo era de US\$27,46. A ocupação imperialista ajudava a manter essa situação. As tropas das principais potências europeias, do Japão e dos EUA bombardeavam populações ao menor indício de oposição. Os ‘senhores da guerra’ que dominavam o país recebiam dinheiro e armas das potências imperialistas (...) As revoltas camponesas eram tradicionais, porém o rápido crescimento da indústria trouxe um novo fator: as lutas do proletariado. (...) Em 30 de maio [1925] tropas inglesas atiraram contra uma manifestação de protesto em Shangai, matando 12 estudantes. Uma greve geral paralisou a cidade e o movimento se estendeu para todo o país. Em 23 de junho, o assassinato de 52 manifestantes em Hong Kong pelas tropas inglesas e francesas provocou uma greve geral da qual participaram 250.000 trabalhadores. (...) O Partido Comunista chinês tinha sido formado em 1920. Dos 1.000 membros que tinha em 1925 passou a 4.000 depois dos acontecimentos de 30 de maio, com uma organização juvenil de 9.000 membros. No entanto, o partido estava atado à uma política incorreta. Tinha sido impulsionado pelo Komintern, contra a posição da direção chinesa, a entrar no Kuomintang (Partido Nacional do Povo). O Kuomintang era um partido nacionalista burguês que aspirava acabar com a dominação imperialista e unificar a China sob um regime capitalista estável. O estouro de 30 de maio e as greves operárias permitiram ao Koumintantg estabelecer um governo em Cantão, enquanto o resto da China continuava dominado pelos ‘senhores da guerra’ (...) Chiang Kai-Shek, general do Kuomintang, jurou fidelidade à Revolução Mundial (...) Porém (...) em 2 de março de 1926, Chiang excluiu os comunistas do aparto do exército do Kuomintang, deu um golpe em Cantão. Se empossou ditador, dissolveu o comitê de greve de Hong Kong e prendeu seus dirigentes, a maioria dele do Partido Comunista. Pouco depois, Chiang explicou que o golpe (...) tinha sido um ‘mal entendido’ e libertou os comunistas presos. A Internacional Comunista incorporou o Kuomintang como seção simpatizante com um só voto contra, o de Trotsky. Em julho de 26, com armas e assessores soviéticos, o exército de Chiang começa sua marcha rumo ao norte com o objetivo de unificar a

China sob um governo do Kuomintang. (...) Enquanto avançava, o exército de Chiang reprimia o movimento de massas. Decretou a lei marcial em Cantão. Foi proibido aos trabalhadores portar armas, reunir-se e fazer mobilizações. (...) Em janeiro de 1927, Chiang já estava atacando abertamente as organizações de massas. Em uma aldeia após outra, seus soldados ocupavam as organizações camponesas e os sindicatos e matavam seus dirigentes. Em 21 de março, o PC dirigiu uma insurreição de apoio ao exército de Chiang em Shangai, a cidade industrial mais importante da China, e organizou uma manifestação de boas vindas com 50.000 trabalhadores. Em 12 de abril, Chiang organizou o golpe final. À tarde, todas as sedes comunistas, sindicatos e jornais foram ocupados pelo exército do Kuomintang e seus defensores foram massacrados. Como resposta, o PC organizou uma greve de 100.000 trabalhadores. No dia seguinte, uma mobilização de operários desarmados foi crivada de balas pelo Kuomintang. (...) mesmo depois disso a Internacional Comunista continuou com a mesma política. Houve só uma alteração tática. Agora tinha que atuar junto com a 'esquerda' do Kuomintang, dirigida por Wang Tim-Wei, general rival de Chiang (...) Trotsky, ao contrário, vinha insistindo que era necessário romper com todos os setores do Kuomintang. (...)apesar do grande golpe contrarrevolucionário de Shangai, a revolução continuava na China central. Os camponeses buscaram apoio na 'esquerda' do Kuomintang. Porém, o acordo realizado entre essa ala 'esquerda' eo PCC estava baseado em que não podam ocupar as terras dos generais, dos políticos, da classe média e dos oficiais que apoiavam o governo. Chen Tu-hsiu, fundador do PCC, explicava depois que não havia nenhum latifundiário que não fosse amigo ou parente dos oficiais do Kuomintang. (...) em 15 de julho de 1927, a 'esquerda' do Kuomintang expulsou o PCC. Só então a internacional mudou sua política. (...) chamou o PCC a atuar de forma independente, a organizar soviets e a dirigir uma insurreição. Porém, já era tarde, e essa política desesperada de Stalin, que a todo custo queria apresentar um triunfo no XV Congresso do PCUS, só conseguiu aprofundar a derrota. Seguindo essa orientação, o PCC embarcou em uma série de ações aventureiras que terminaram no sangrento levante de Cantão, entre 1º e 13 de dezembro de 1927, que custou a vida de quase 6.000 dos mais fieis e abnegados militantes do partido.” Alicia Sagra.

“O posicionamento de Chen Duxiu e de muitos outros quadros importantes do PC chinês, como o jovem Peng Shuzi, foi de compreender que o problema estava na estratégia política ditada pelo Kremlin – e que em 1925 os comunistas chineses ainda não haviam suficiente clareza marxista para contrapor. A questão fundamental estava no balanço do beco sem saída a que a falta de independência política da classe operária tinha levado antes e durante a revolução. E por isso, a conclusão só poderia ser uma: a aplicação rigorosa das conclusões da revolução russa de 1917, adaptadas ao terreno chinês. Essa conclusão levou imediatamente a que Chen Duxiu e Peng Shuzi começassem, por conta própria, a aproximar-se das conclusões que Trotski iria tirar do mesmo processo. Quando na sequência do processo, em 1928, os comunistas dessa ala esquerda chegam a conhecer o balanço que o fundador do Exército Vermelho (Trotski) estava fazendo de toda a política levada a cabo na China, a identificação foi imediata. Assim, o nome de Chen Duxiu, que estava associado ao que de mais progressistas havia na intelectualidade chinesa pré-marxista, depois à fundação do marxismo e do partido comunista na China, agora se ligava, e seguindo suas próprias conclusões políticas e teóricas, ao que de melhor restava dessa tradição após a reação stalinista na URSS: a oposição de esquerda dirigida por Leon Trotski. Desgraçadamente, como ocorreu em diversos países, o fato de enfrentar-se ao mesmo tempo contra o terror das tropas governamentais de Chiang, e com a hostilidade agressiva das alas stalinistas nacionais, não forneceu muito espaço para o desenvolvimento da Oposição de Esquerda, e mais tarde da IV Internacional, na China. O próprio Chen Duxiu viveu na prisão ao longo dos anos 1930, e morreu em 1942 numa situação de doença e isolamento político, afastando-se da IV Internacional por diferenças de caracterização sobre a Segunda Guerra Mundial.” John Chan, 06 de fevereiro de 2009 <https://www.wsws.org/pt/2009/feb2009/port-f06.shtml>.

6. Oposição de Esquerda (1923)

- *“No final de 1922, Stalin havia formado um bloco com Kamenev e Zinoviev dentro do Politburo do Partido Bolchevique. Zinoviev dirigia a organização do partido em Petrogrado e Kamenev em Moocou, que eram as principais cidades russas. Zinoviev também era presidente da Internacional Comunista. Esse bloco, conhecido como a ‘troika’, tinha a maioria no Comitê Central e não se baseava em um acordo programático, mas no apoio mútuo para se manterem como os principais dirigentes do partido. (...) Em 1921, o Partido Bolchevique aprovou a aplicação da Nova Política Econômica (NEP). Lenin a propôs como um mecanismo para revitalizar a economia soviética depois da destruição dos anos da Guerra Civil, por meio de uma limitada restauração do livre mercado. (...) Em outubro de 1922, um Comitê Central, do qual Lenin não participou, votou uma medida que ia conduzir à destruição do monopólio estatal do comércio exterior. (...) Em 18 de dezembro o CC se retratou, porém a ‘troika’ se negou a mudar suas políticas básicas. Negou-se a cobrar impostos dos camponeses ricos para conseguir os fundos necessários para o desenvolvimento da indústria pesada (...) o desemprego em 1923 dobrou em relação ao ano anterior, os salários eram pagos irregularmente e em alguns casos reduzidos. Em agosto e setembro aconteceu uma série de greves em resposta a essa política (...) o não desenvolvimento da indústria encarecia dia a dia os produtos industrializados utilizados no campo. Em 8 de outubro de 1923, Trotsky enviou uma carta ao Comitê Central na qual atribuía o surgimento de grupos no partido a dois fatores: a) o regime partidário radicalmente incorreto e doentio no interior do partido; e b) a insatisfação dos operários e camponeses pela grave situação econômica causada, não só pelas dificuldades objetivas, senão pelos erros flagrantes e radicais da política econômica. Na mesma carta, Trotsky exigia que o ‘burocratismo secretarial’ fosse substituído pela democracia partidária na medida em que fosse necessária para evitar que o partido fosse ameaçado pela ‘calcificação e a degeneração’ (...) Em 15 de outubro, outros 46 líderes do partido enviaram um manifesto ao CC. Nessa plataforma faziam uma forte crítica à política econômica e denunciavam que o partido estava sendo gerenciado por uma camarilha burocrática que estava afastando o partido das massas. A ‘troika’ viu-se forçada a abrir a discussão e anunciou que em 7 de novembro as páginas do Pravda se abririam para a publicação das distintas posições (...) um terço das organizações do partido no exército se pronunciaram a favor dessa posição. (...) Perante essa situação, a ‘troika’ teve duas táticas. Por um lado, recorreu à perseguição dos dirigentes da oposição (...) Por outro lado, tentou neutralizar algumas das críticas levantadas pela oposição identificando-se com elas. Em uma resolução aprovada pelo Politburo e publicada em 7 de dezembro eram condenadas; ‘A aguda diferença da situação material dos membros do partido’, ‘a estreiteza do olhar oficial’, ‘a burocratização que se vinha observando nos postos do partido’ e fazia um chamado à real e sistemática aplicação da democracia operária’. (...) Em 11 de dezembro é publicada no Pravda uma carta aberta a todo o partido assinada por Trotsky. Nela chama a todos os seus membros a assumirem as promessas contidas na resolução do Politburo, publicada em 7 de dezembro. (...) Com o apoio público de Trotsky a favor da oposição, a luta dentro do partido adquiriu um caráter mais agudo. Trotsky era o único dirigente com autoridade e popularidade, dentro das fileiras do partido, próximas às de Lenin. (...) Porém, a contenda foi definida pelo peso do aparato. A ‘troika’, que controlava a máquina do partido, enviava seus representantes de uma fábrica a outra em carros oficiais. Os opositoristas eram ameaçados com a perda do emprego ou a transferência para regiões longínquas. (...) Na medida em que avançava a eleição dos delegados para a XIII Conferência, em que se definiria a discussão, o peso do aparato mais se fazia sentir. (...) realizada em janeiro de 1924, a oposição só tinha 3 delegados sobre 218. (...) a XIII Conferência transformou em princípio o que era uma suspensão temporária das tendências dentro do partido. Essa suspensão temporária tinha sido votada no momento em que a*

rebelião de Kronstadt e os efeitos da recém encerrada Guerra Civil ameaçavam a existência do jovem regime e quando o descontentamento dos camponeses era geral. (...) em setembro de 1924 [Stalin] anunciou uma nova teoria que revisava todas as concepções marxistas, a teoria do 'Socialismo em um Só País'." Alicia Sagra.

7. Oposição Conjunta (1926)

- (...) A aplicação da NEP serviu para reanimar a economia destruída pela Guerra Civil, porém ao mesmo tempo foi dando origem a um setor cada vez mais forte de novos exploradores. (...) eles eram suficientemente fortes para chantagear as cidades, retinham os grãos e o preço se elevava enormemente. (...) Zinoviev e Kamenev (...) se inclinavam cada vez mais para o lado dos trabalhadores das cidades e dos camponeses pobres. Eles foram se aproximando das posições da Oposição de Esquerda a quem haviam ajudado a derrotar. (...) As divisões dentro da 'troika' foram se aprofundando até chegar a um enfrentamento entre a organização de Leningrado (...) dirigida por Zinoviev e o poder central. Durante todo o ano de 1925, as diferenças em relação à política sobre o campo se desenvolveram no Politburo que antes estava unificado contra Trotsky e sua 'subestimação do campesinato'. Nesta polêmica, Bukharin representava a direita do partido e advogava uma política pró-kulag. (...) O outro problema que ajudou na mudança de posição de Zinoviev e Kamenev foi a nova teoria do Socialismo em um Só País. (...) Estiveram dispostos a formar um bloco com Stalin para impedir que Trotsky assumisse a direção do partido, porém resistiam a renunciar à perspectiva da Revolução Internacional. Por iniciativa de Nadezhda Krupskaya, viúva de Lenin, Zinoviev e Kamenev formaram um bloco para enfrentar Stalin no XIV Congresso do partido bolchevique, porém foram derrotados. (...) Kamenev havia sido destituído da direção de Moscou e Zinoviev foi removido de sua posição como presidente do soviete de Leningrado. (...) Em sua autobiografia, Minha Vida, Trotsky (...) diz: '(...) Zinoviev e Kamenev reconheceram abertamente que os 'trotskistas' tiveram razão na campanha feita contra eles em 1923 e aceitaram os princípios que compunham nosso programa. Em tais condições não era possível nos negarmos a pactuar um bloco com eles (...) a partir de junho de 1926, a Oposição Conjunta começou a funcionar formalmente. (...) A Oposição conjunta apresentou oficialmente seu programa ao Comitê Central em julho de 1926. Esse programa enfatizava a necessidade de uma industrialização planejada (...) Suas demandas incluíam aumento de salário, maiores créditos para estabelecer fazendas coletivas e a organização dos camponeses pobres em oposição aos Kulags. Também levantavam consignas a favor dos setores particularmente oprimidos como as nacionalidades não russas e as mulheres. Finalmente, chamavam à democratização do partido e dos sovietes (...) denunciavam as consequências da teoria do Socialismo num Só País (...) O Comitê Central rechaçou as propostas da Oposição Conjunta e declarou ilegais suas reuniões. O Comitê Central expulsou Trotsky do Politburo em outubro de 1926; Kamenev perdeu sua condição de membro aspirante e Bukharin substituiu Zinoviev na presidência da Internacional. (...) Durante 1926-27, os acontecimentos na China ocuparam o centro da discussão do partido na URSS. (...) Stalin, incapaz de suportar o debate sobre a China, redobrou seus ataques contra a Oposição, destituindo ou transferindo seus dirigentes. O ponto culminante foi em 7 de novembro na celebração do décimo aniversário da Revolução. A Oposição participou com cartazes com suas próprias consignas: 'Luta contra o kulag e o burocratismo', 'Acelerar a industrialização', 'que se cumpra o testamento de Lenin'. (...) A coluna da Oposição foi atacada por grupos armados e em 14 de novembro Trotsky e Zinoviev, junto com centenas de membros da oposição, foram expulsos do partido. (...) Ambos já tinham sido expulsos do Comitê Executivo da Internacional. (...) Ante a expulsão do partido, a Oposição Conjunta se divide. Zinoviev e Kamenev e seus seguidores

capitulam. (Em 12 de janeiro de 1928, Trotsky é informado que seria exilado no Turquistão (...). Alicia Sagra.

8. Trotsky no Exílio

- Em Alma Ata, Trotsky escreve A Revolução Permanente, tema de outro curso

“No inverno de 1928, a crise econômica na URSS tomou a forma de uma escassez artificial de grãos (...) Os kulaks exigiam acesso aos bens industrializados e o aumento dos preços dos produtos do campo. A própria sobrevivência do sistema soviéticos estava em perigo. (...) Em janeiro de 1929, depois de um ano em Alma Ata, Trotsky foi deportado do território da URSS. Com essa expulsão, Stalin sentiu-se mais seguro e começou o ataque aberto contra a Oposição de Direita, dirigida por Bukharin e Tomski. Em abril de 1929, os dirigentes da Oposição de Direita foram condenados pelo CC e desacreditados publicamente. (...) Todos os dirigentes da Oposição de Direita capitularam e aceitaram todas as acusações que lhes faziam.(...) Depois de ter passado anos sem fazer nada em relação à organização dos camponeses médios e pobres, e fazendo concessões aos kulaks, implantou a coletivização forçada e chamo ‘a destruir ao kulak como classe’. O exército ia às aldeias e dizia que quem estava contra a coletivização estava a favor dos kulaks e contra o Estado soviético. As famílias que resistiam à coletivização eram retiradas de suas terras e elevadas a lugares desabitados na Sibéria, onde eram deixadas sem abastecimento. Os camponeses comiam as sementes em vez de plantá-las e sacrificavam os animais em vez de levá-los ao mercado. (...) O mesmo aventureirismo foi aplicado na indústria. Em 1929, Stalin usurpou parte do programa da Oposição de Esquerda e anunciou que ‘a chave da reconstrução da agricultura está no ritmo acelerado do desenvolvimento industrial’. (...) Toda essa expansão industrial foi paga pelo movimento operário soviético. Em 1932, o salário era metade do que tinha sido em 1928. (...) À medida que avançava a virada à esquerda de Stalin, grande parte da Oposição se convertia em conciliadora. Em julho de 1929, três líderes da Oposição de Esquerda, Preobrazhenski, Radek e Smilga conduziram outros 400 a repudiar suas posições e suplicar a readmissão ao partido. Em novembro, outro grupo de centenas de opositores dirigidos por Smirnov, Mrakovsky e Bieloborodov, também capitularam. (...) Uma das primeiras atividades de Trotsky ao chegar à Turquia foi a de estabelecer contatos com os diferentes grupos que, em todo o mundo, tinham sido expulsos dos Partidos Comunistas e tinham declarado seu apoio à oposição russa. (...) Em 6 de abril de 1930, representantes das oposições da França, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Bélgica, da Espanha, da Itália, da Tchecoslováquia e da Hungria se reuniram em Paris e resolveram fundar a Oposição de Esquerda Internacional como fração do Komintern. (...) Desde seu nascimento, a Oposição de Esquerda Internacional teve de enfrentar a desmoralização e o ceticismo gerados pelo crescimento do stalinismo nas fileiras do movimento operário e pela virada ultra esquerdistas que também se deu em nível internacional.” Alicia Sagra.

9. Contra a política ultraesquerdista do “terceiro período” a defesa da Frente Única Operária – Revolução e Contrarrevolução na Alemanha

- *“Até 1928, a política da III Internacional dirigida por Stalin se caracterizou pelo oportunismo. A partir desta data começou uma política ultra esquerdista que se manteve por seis anos, e ficou conhecida como o ‘ultra esquerdismo do Terceiro Período’. A nova política foi exposta no VI Congresso do Komintern em 1929. Ali foi delineado o esquema dos ‘três períodos’: o primeiro, de*

1917 a 1923, foi considerado como um momento de aguda crise revolucionária; o segundo, de 1924 a 1928, de estabilização do capitalismo; eo terceiro, que supostamente estava se abrindo, como o período da crise geral do capitalismo, o que conduziria inevitavelmente à revolução. O começo d depressão mundial, em outubro de 1929, deu forte impulso a esse giro, porém, a principal razão para essa mudança foi a ‘virada à esquerda’ dentro da URSS. (...) o Terceiro Período, era a outra cara do oportunismo anterior. Ambas as políticas tinham o objetivo de construir o ‘socialismo em um só país’. É desse período a famosa frase que (...) circulava nas altas esferas da burocracia soviética: ‘Um trator soviético vale mais que 10 bons comunistas estrangeiros’. A grande inovação desse Terceiro Período foi a concepção do ‘social fascismo’, a partir do qual era rechaçado qualquer tipo de unidade de ação com as organizações operárias reformistas de massas. Segundo Stalin ‘a social democracia e o fascismo não se contradizem, mas se complementam. Não são antípodas, são gêmeos’. Essa concepção teve consequências negativas em todos os partidos da Internacional, porém, onde teve repercussão mais trágica foi na Alemanha (...) O chamado de Trotsky a uma Frente única não significava que ele confiasse que os dirigentes do SPD (Partido Social democrata da Alemanha) impulsionariam uma luta efetiva contra Hitler. O que ele opinava era que não seria possível fazer a revolução na Alemanha sem uma política para o SPD, que era o maior partido do país. (...) Trotsky afirma que se o PC não faz frente com os socialdemocratas, a classe operária alemã estará perdida por dez ou vinte anos. (...) Analisando a vitória de Hitler, Trotsky escreveu: “É indubitavelmente certo que tanto a socialdemocracia como o fascismo são pela defesa do sistema burguês contra a revolução operária. Porém, os métodos desses partidos são completamente distintos. A social democracia é inconcebível sem um governo parlamentar e sem organizações de massas dos operários, como os sindicatos. A missão do fascismo, ao contrário, é destruir ambos, o parlamento e as organizações operárias. A unidade defensiva de comunistas e socialdemocratas deveria ter se baseado nesse antagonismo. Porém, os dirigentes cegos rechaçaram esse caminho. Deixaram os trabalhadores divididos, sem planos nem projetos ante um inimigo que atacava’. (...) A partir de 1933, Trotsky deu por morto o PCA e abandonou sua estratégia de reformá-lo. (...) Em julho de 1933, Trotsky, enquanto reafirma a necessidade de defender as conquistas socialistas de propriedade estabelecidas na URSS, proclamou a construção de uma nova internacional marxista, independente da burocracia stalinista e completamente oposta a ela, dizendo que só assim, com uma nova Internacional de massas, que unisse os destinos da URSS aos da Revolução Mundial, era possível salvar o grande triunfo de 1917 (...). Alicia Sagra.

Trechos de Revolução e Contrarrevolução na Alemanha de Leon Trotsky serão lidos nos grupos

10. Leon Trotsky: Considerações de Princípio sobre o Entrismo – leitura

- “Em julho de 1933, depois de quatro anos de petições a todos os países da Europa, Trotsky conseguiu que a França lhe desse o direito de asilo (...) em documento interno de 27 de julho de 1933, ‘Por Novos Partidos e uma Nova Internacional’, Trotsky manifesta: ‘(...) A Internacional Comunista está morta! (...) A primeira etapa foi a proclamação de um novo partido na Alemanha. Além disso tínhamos de comprovar como influía a catástrofe alemã nas outras seções do Komintern (...) Agora já está bem definido o caminho que tomou (...) Está condenado á derrota. Há que abandonar a ideia da reforma nacional e internacionalmente (...) Nos partidos socialistas está se formando uma tendência rumo à esquerda. Temos que orientar essas correntes. (...) Em 1918, a situação era muito mais favorável. Agora estamos perante a maior das derrotas do movimento operário (...) Somos os embriões da formação de uma organização revolucionária. Vejamos por exemplo, a conferência que o SAP e outros grupos similares planejam realizar.

Temos de aceitar seu convite. (...)’ Em agosto de 1933 foi realizada na França a Conferência de Organizações socialistas e Comunistas de Esquerda. (...) Em relação a essa participação Trotsky disse o seguinte: ‘(...) É evidente que não se pode pensar em construir uma nova Internacional com base em organizações que partem de princípios profundamente distintos e às vezes opostos. A Oposição de Esquerda levou à Conferência seu próprio programa com o objetivo de ajudar a separação principista dos reformistas e dos centristas e nuclear as organizações revolucionárias homogêneas’ (...) Dali surgiu um bloco com outras três organizações: o SAP[Partido dos Trabalhadores Socialistas: formou-se depois que os social-democratas expulsaram vários esquerdistas encabeçados por Max Seydewitz], o OSP – Partido Socialista Independente da Holanda e o RSP – Partido Socialista Revolucionário da Holanda. Esse bloco tirou uma declaração, conhecida como ‘Declaração dos Quatro’. (...) No interior da Oposição de Esquerda (...) Havia setores que opinavam que era um erro, e para isso se apoiavam no fato de que o SAP e o OSP tinham apoiado sem críticas a resolução do Comitê que foi formado com a maioria das organizações presentes na conferência dos 14 partidos, onde se fala em lutar conjuntamente pelo ressurgimento do movimento revolucionário. Em sua resposta Trotsky mostra qual é o método que defende para tentar construir uma aliança revolucionária: ‘Também consideramos um grave erro político, que só serve para semear a confusão e ilusões, a votação do SAP e do OSP a favor da resolução da maioria. (...) Porém, esperamos (...) que a marcha dos acontecimentos revelará na prática a impossibilidade de participar simultaneamente no bloco principista dos quatro e no bloco sem princípios da maioria. Sem recorrer a ultimatums impróprios, reivindicamos, no entanto, nosso pleno direito não só de levantar nossas bandeiras, mas também de colocar abertamente aos nossos aliados o que opinamos em relação ao que consideramos seus erros. (...)’ (...) Na Espanha, na França, na Bélgica e na Suíça, setores da Juventude Socialista começaram a manifestar simpatias pelas ideias trotskistas. Ainda que não se mostrassem dispostos a abandonar suas próprias organizações para unirem-se ao pequeno grupo dos bolcheviques-leninistas (rebatizados com o nome de Liga Comunista Internacional, ICL), alguns desses setores chegaram a sugerir que os membros da ICL se unissem a eles na luta pela conquista das posições revolucionárias dentro das organizações socialdemocratas. Perante essa realidade, Trotsky insistiu na necessidade de entrar nessas organizações socialdemocratas para ajudar a desenvolver o setor revolucionário e para superar o perigo da marginalidade. (...)Na Inglaterra, Trotsky aconselhou ao pequeno grupo inglês a entrada no Partido Trabalhista Independente, organização que oscilava entre as posições da II Internacional e as da Oposição de Esquerda. Explicou a necessidade desse entrismo da seguinte maneira: “(...) Certamente, um partido marxista deve aspirar pela sua plena independência e pela maior homogeneidade, porém em seu processo de formação muitas vezes deve atuar como fração de um partido centrista ou inclusive de um partido reformista. Assim, durante anos os bolcheviques estiveram no mesmo partido que os mencheviques (...) o centrismo é um rótulo que abarca as mais variadas tendências e grupos que estão entre o reformismo e o marxismo. Ante cada grupo centrista há de colocar uma flecha indicando o caminho de seu desenvolvimento: da direita à esquerda ou da esquerda à direita (...) Depois de uma experiência de dez anos chegamos à conclusão que o centrismo burocrático (stalinismo) não se aproxima do marxismo, de cujas fileiras surgiu, e é incapaz de fazê-lo. Precisamente por isso rompemos com o Komintern (...) Vale a pena entrar no ILP (Partido Trabalhista Independente) somente se o fazemos com o propósito de ajudar esse partido, quer dizer, sua maioria revolucionária, a transformar-se em um verdadeiro partido marxista. É claro que seria inadmissível entrar de o CC do ILP exigisse de nossos amigos que renunciasses às suas ideias ou a lutar abertamente por elas no partido (...) [parte deste doc está no Ppt] Em relação à Suíça escreve: (...) ‘os quatrocentos membros da juventude Socialista de Zurique propuseram a nossos camaradas entrar como fração bolchevique-leninista, garantindo-lhes de antemão plena liberdade de ação e um cargo na direção e no conselho de redação. (...) Se as condições estão garantidas a única resposta é : temos de entrar na Juventude Socialista (...)’ Na França, havia aparecido uma situação parecida e a seção

da ICL, depois de uma forte luta interna, já tinha entrado na Juventude Socialista. (...) Em relação à Espanha (...), Trotsky dizia no fim de 1934: ‘(...) a orientação geral do processo basta para chegar à conclusão de que nossos camaradas espanhóis teriam de ter entrado no Partido Socialista no momento em que surgiu a diferenciação interna que começou a preparar esse partido para a luta armada. Nossa situação na Espanha agora seria mais favorável’ (...) Os bolcheviques-leninistas da Espanha, dirigidos por Andrés Nin se negaram a aplicar a política aconselhada por Trotsky. Eles se unificaram contra a posição da direção internacional) com o Bloco Operário Camponês [organização com fortes características oportunistas, dirigida pelo Partido Socialista.] Alicia Sagra.

11. Da tática da Frente Única Operária à tática do entrismo. Contra a política de conciliação de classes da Frente Popular – Aonde Vai a França

- “No dia 6 de fevereiro de 1934, as organizações fascistas francesas organizaram uma manifestação e tentaram invadir o parlamento, sob o pretexto de protestar contra a demissão de Chiappe (chefe de polícia de Paris) ligado aos fascistas. Houve vários mortos nos choques com a polícia. Caiu o governo e assumiu Doumergue, cuja política adquiriu um caráter bonapartista, apoiando-se na burocracia estatal e não mais no parlamento que o autorizou a governar por decretos-lei. Aproveitou-se do avanço da contrarrevolução sem ser abertamente fascista. Todos os cinco governos que se sucederam até a posse de Leon Blum, em junho de 1936, tiveram em comum a tentativa de impor, via os decretos-lei presidenciais, uma política deflacionista, reorganizando a economia em torno dos grandes monopólios (...) A França sofria tardiamente os efeitos da Depressão, com seu parque industrial antiquado, o grande peso das pequenas e médias propriedades na cidade e no campo e um grande déficit público. Em relação aos assalariados, seus decretos-lei rebaixaram os salários, demitiram milhares de funcionários públicos e procuraram impedir a baixa dos preços agrícolas, em especial do trigo e do vinho (...) A reação do movimento operário e popular ao avanço fascista e à política dos governos que se sucederam foi muito forte e marcou todo o período até a posse de Blum. De 8 a 11 de fevereiro, houve manifestações conjuntas em pelo menos 28 cidades do país. A 9 de fevereiro, uma manifestação de ex-combatentes comunistas entrou em choque com a polícia e houve várias mortes. No dia 12, a CGT, dirigida pelo social democrata Jouhaux, chamou à greve geral, à qual a CGTU, dirigida pelos stalinistas, aderiu no último minuto. Foi um grande sucesso: pararam 4 milhões de trabalhadores e houve manifestações unitárias das duas CGTs pela primeira vez em muitos anos. Toda a política dos trotskistas neste período se concentrava na necessidade da frente única operária e da unificação das centrais para enfrentar o fascismo e os governos bonapartistas. Dentro dos partidos reformistas, começou uma luta política violenta, como reflexo do impulso unitário das massas (...) para enfrentar o inimigo comum. No PCF, um dos principais dirigentes, Jaques Doriot, que dirigia a regional de Saint-Dennis do partido e era prefeito da mesma cidade, abriu a luta pública contra a direção do partido, defendendo a frente única entre os partidos e organizações operárias. Em 26 de abril, criou a Unidade de Ação em Saint-Dennis (...) Trotsky chegou a pensar na possibilidade de se unir com o grupo de Doriot e se encontrou com ele. Mas o dirigente francês rejeitou a formação da IV, negou-se a apoiar qualquer ataque à política da URSS, iniciando em seguida uma perseguição aos trotskistas. Posteriormente, Doriot degenerou completamente e organizou um partido fascista. A Internacional Comunista seguia fielmente as necessidades da política externa soviética e estava obcecada em fazer tratados de amizade e defesa com quaisquer potências imperialistas que assim desejassem. Durante o ano de 1933, enquanto não ficavam claras as intenções de Hitler, Stálin manteve uma política de boa vizinhança com a Alemanha nazista e chegou a renovar o tratado de comércio de Locarno,

assinado em 1926. Em 1934, com o fracasso da conferência europeia sobre o desarmamento, a Alemanha retirou-se da Liga das Nações (...) e iniciou seu rearmamento. O chanceler soviético Litvinov, rompendo uma tradição de oposição à política armamentista das potências imperialistas, fez declarações favoráveis ao rearmamento francês. Por outro lado, a URSS entrou na Sociedade das Nações, até então considerada um antro de bandidos, seguindo os princípios de Lenin. A partir de 1934, A Internacional comunista procurou fazer uma aliança com a França democrática contra a Alemanha nazista, sacrificando os interesses do proletariado francês (...) Ao mesmo tempo, o stalinismo intensificava sua ofensiva totalitária contra a esquerda, que desembocou nos Processos de Moscou. Em 27 de julho de 1934, foi fechado o Pacto de Unidade de Ação entre a SFIO (Seção Francesa da Internacional Operária – nome do Partido Socialista) e o PCF. Seu programa era: defesa das liberdades democráticas, contra os preparativos de guerra, contra o terror fascista na Áustria e Alemanha, atos conjuntos, ausência de críticas públicas (Trotsky criticou violentamente este ponto que considera a liquidação da independência dos dois partidos). O PCF propôs a criação de Comitês de base e realização de greves como forma de luta da Unidade de Ação, o que não foi aceito pela SFIO. Acentuou-se uma dinâmica unitária irresistível dentro da classe trabalhadora. Trotsky, que orientara a Liga Comunista Internacionalista – o grupo trotskista francês -a lutar com toda a força pela frente única, mudou sua tática em função da mudança na realidade. Ele percebeu que os trotskistas, que tinham grande audiência antes do acordo stalinista-social-democracia, como os mais decididos adeptos da unidade, corriam o risco de ficar marginalizados. Efetivamente, a partir da assinatura do acordo, a Liga não pode mais usar a palavra nos comícios conjuntos. Trotsky queria manter o diálogo com os setores da Juventude Socialista que tinham simpatia por suas posições. Para tal, recomendou o entrismo na SSIO, constituindo a tendência interna que adotou o nome Grupo Bolchevique-Leninista da SFIO. O PCF, coerente com a linha de aliança com o imperialismo ‘democrático’, propôs, através de um discurso de Thorez (seu secretário-geral) em 9 de outubro, a ‘ampliação’ da Unidade de Ação aos setores ‘democráticos’ e à classe média (ou seja, ao Partido Radical, um dos principais partidos imperialistas do país, que participava com peso em todos os governos há mais de uma década, incluído o de Doumergue e os que se sucederam até a posse de Blum). Esta atitude culminou com a assinatura, em maio de 35, do Pacto Stálin-Laval (então ministro das relações exteriores do governo Flandin) que estabelecia um compromisso de ajuda mútua em caso de agressão e no qual Stalin ‘compreendia e apoiava os esforços da França em matéria de Defesa Nacional’. O PCF, pela primeira vez, votou a favor do orçamento de defesa do novo governo capitaneado por Laval (que a SFIO apoiou sem dele participar) e abandonou a luta contra o serviço militar de dois anos. Em agosto, o VII Congresso da Internacional Comunista oficializou a linha da Frente popular em todo o mundo. A palavra de ordem central passou a ser ‘A luta pela paz e pela defesa da URSS’ Não se falava mais da revolução mundial, nem sequer de forma ritual. Das 130 páginas do informe de Dimitrov (presidente da Internacional Comunista) só duas faziam referência à luta pela libertação da colônias. Em 1935, foram dados passos acelerados para formar o Rassemblement Populaire, o primeiro fruto da nova política. Os radicais, apesar de permanecerem no governo, aceitaram o acordo, que foi sacramentado em julho com uma gigantesca manifestação de massas de 500 mil pessoas. A Frente Popular funcionava através de votações unânimes das organizações que a compunham em todos os níveis, o que dava direito de veto às minorias burguesas. O movimento operário continuava na contra-ofensiva: nas eleições municipais de maio houve um importante avanço da esquerda. Em agosto, em protesto contra os decretos que reduziam os salários e aumentavam os preços, os operários navais ocuparam a prefeitura naval em Brest, Toulon e Havre e se enfrentaram violentamente com a política erguendo barricadas. Dentro da Frente Popular, os dirigentes discutiam o programa. A CGT tinha lançado, em 34, um programa para discussão onde incluía a estatização dos grandes monopólios. O PCF opôs-se violentamente a este ponto, em nome do acordo com os radicais. Dentro da SFIO houve uma intensa luta política. A direção, apoiada pelos centristas de Batalha Socialista

(Ziromsky) e da *Gouche Revolutionnaire* (Marceau Pivert), aceitou a mudança do programa e a aliança com os radicais. A justificativa foi que a conquista do governo não era o mesmo que a tomada do poder. Era a reedição do velho esquema menchevique da revolução por etapas (...): o programa revolucionário e a aliança das classes exploradas contra os exploradores serviam para a tomada do poder, mas não era esse o momento propício. Para diminuir a resistência e evitar problemas futuros, a direção da SFIO (Paul Faure-Leon Blum) expulsou os trotskistas no Congresso de Moulhouse, em junho de 35. Em janeiro de 1936, foi aprovado o programa da Frente Popular, sem as estatizações. O programa continha vagas referências à diminuição da jornada de trabalho e ao aumento de salário, sem dizer para quanto, só propunha nacionalizar as indústrias de guerra, pagando generosas indenizações, não propunha a independência das colônias francesas, não tinha a proposta de piquetes de autodefesa contra o fascismo (...) Em 1936, a maré revolucionária subiu rapidamente, como previa Trotsky, na medida em que as massas conseguissem superar suas direções (...) Em janeiro, meio milhão de pessoas protestaram contra um atentado a Leon Blum, As duas CGTs se unificaram, como reflexo do impulso unitário da própria classe trabalhadora. As eleições de abril-maio de 36 consagraram a frente popular e, em particular, a queda abrupta dos radicais (de 159 para 116 cadeiras), que só não foi maior devido ao fato de que, em vários distritos, comunistas e socialistas, no segundo turno, apoiaram candidatos radicais. O sinal eleitoral mais evidente da radicalização das massas foi o aumento dos deputados comunistas de 10 para 72. Os operários não esperaram a posse de Blum e, sem que ninguém, nem da esquerda nem da burguesia, previsse, começaram uma grande onda de greves que durou mais de um mês. Inicialmente contra a demissão de dirigentes sindicais, rapidamente levantou as principais reivindicações das massas trabalhadoras e se estendeu por todo país. A particularidade é que os operários ocupavam as fábricas e nelas permaneciam, criando seus comitês de greve por empresa. No dia 10 de junho, os metalúrgicos deram um ultimato à burguesia, ameaçando colocar em funcionamento as fábricas ocupadas e exigindo sua nacionalização, caso as reivindicações não fossem atendidas. A burguesia que inicialmente se negava a negociar, cedeu em toda a linha. A economia estava paralisada e criou-se uma situação abertamente revolucionária no país com os operários a um passo da tomada do poder em pleno coração da Europa. Faltava 'apenas' a vontade revolucionária de sua direção para fazê-lo.! No dia 9 de junho, foi assinado o acordo de Matignon, que garantiu a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, férias pagas, aumento geral de salários e reconhecimento dos delegados sindicais por empresa. O PCF, que não entrou no governo mas o apoiava de fora (...), se lançou numa campanha para liquidar a greve. Seu trabalho foi facilitado pelo fato de os operários o verem como representante da Revolução de Outubro e dominar posições-chave dentro do movimento, como o poderoso sindicato dos metalúrgicos de Paris (...). O L'Humanité (o jornal do PCF) lançou a palavra de ordem "A Frente Popular não é a Revolução" (...) A ala esquerda da SFIO fazia jogo duplo: por um lado, participava do governo (Marceau Pivert era subsecretário de imprensa e radiodifusão) e por outro discursava dizendo que agora 'tudo é possível'. O detalhe é que não indicava como fazer para que o movimento triunfasse nem dizia que para isso teria que derrotar o governo, que tinha uma lúcida política de salvação do regime capitalista, como o próprio Blum confessou anos mais tarde. Os trotskistas tentaram chegar às massas com uma orientação correta, mas eram muito poucos e não tinham adquirido, no período prévio à crise revolucionária, a necessária audência entre as massas, sem a qual mesmo a melhor política não encontra eco. No dia 12 de junho, o Jornal trotskista La Lutte Ouvrière dizia em suas manchetes: 'Nas fábricas e nas ruas, o poder é dos operários! Passemos dos comitês de greve aos comitês de fábrica permanentes. Formai vossas milícias operárias armadas! (...) A edição foi apreendida nas bancas de jornais por ordens do Ministro do Interior! A greve foi vitoriosa, os sindicatos aumentaram seus filiados de um para cinco milhões, mas havia passado o momento em que o poder estava ao alcance das mãos da classe trabalhadora. (...) Em julho, explodiu o golpe de Franco contra a República Espanhola. A França tinha a principal fronteira com a Espanha, seus

governos tinham a mesma orientação política e havia um poderoso sentimento entre as massas para ajudar a República. Inicialmente alguns aviões foram enviados à Espanha. 9...) Blum queria tudo menos romper com seus aliados ingleses. Por isso optou, com estes, pela política de não intervenção (...) enquanto a Itália e a Alemanha apoiavam crescentemente Franco, a União Soviética aderiu à não-intervenção nos meses críticos, quando o exército fascista poderia ter sido definitivamente liquidado (...) [Fernando Claudin] (...) 'O PCF fez tudo para ajudar o combate do proletariado espanhol, menos aquilo que poderia inclinar decisivamente a favor da revolução espanhola: uma política revolucionária na França'. A burguesia aproveitou-se da trégua conseguida com o final da greve e, com seu poderio intacto, partiu para o contra ataque, desconhecendo as conquistas da greve. O governo capitulou totalmente à burguesia (...) A classe operária reagiu com novas greves e ocupações, mas agora, os patrões estavam preparados e o governo e os partidos reformistas – em especial o PCF (...) – se jogaram conscientemente contra elas, com slogans com 'a greve é a arma dos trotskistas' (...) as greves com ocupação começaram a ser reprimidas pela tropa de choque (...) O descontentamento de acumulou entre os trabalhadores. Em fevereiro de 37, ocorreu o primeiro choque direto do proletariado contra o governo. Os fascistas (...) levantaram a cabeça e resolveram realizar um ato em Clichy, subúrbio de Paris. As organizações operárias locais decidiram impedir o ato com uma contra manifestação, mas não tiveram autorização do governo. Mesmo assim, realizaram a manifestação e foram violentamente reprimidos pela polícia com um saldo de vários mortos. No dia seguinte, a Federação dos Sindicatos da região de Paris foi obrigada a decretar greve de meio dia. No entanto, conseguiu manobrar e não colocou entre suas reivindicações a mais óbvia e que fora gritada pelos manifestantes na noite anterior; a demissão do Ministro do Interior. (...) quando Blum renunciou, em junho de 1937, devido ao fato de o Senado não lhe ter dado plenos poderes para dirigir a economia, as massas não moveram um dedo para defendê-lo, contrariando as previsões da própria burguesia.(...)" Waldo Mermelstein, "Prefácio à edição Brasileira" in Leon Trotsky, *Aonde Vai a França*. São Paulo, Desafio, 1994.

12. Os Processos de Moscou

- “A perseguição aos membros da Oposição de Esquerda, às suas famílias e a todos aqueles que manifestavam alguma diferença não tinha parado nunca. Em 1928, a filha mais nova (Nina) de Trotsky foi presa por ter escrito uma carta a seu pai. Em fevereiro de 1932 sua filha mais velha (Zina), gravemente doente, conseguiu autorização para sair do país acompanhada por um de seus filhos, para receber atendimento médico na Europa. Uma vez fora da URSS, sua cidadania soviética foi retirada e ela impedida de voltar ao país. Em março de 1933, Christian Rakovsky foi ferido e preso. Na mesma época também foi preso Victor Serge. No mesmo ano morreu no exílio David Riazanov, a quem Stalin tinha demitido do 'Instituto Marx Engels' (...) acusando-o de menchevique (...). Porém no final de 1934, a perseguição e a repressão se intensificaram qualitativamente. Em 1º de dezembro é assassinado Kirov, lugar-tenente de Stalin (...) Imediatamente uma organização terrorista de russos brancos é responsabilizada (...) Em julgamento secreto são condenadas e sumariamente fuziladas 14 pessoas (...). Porém (...) começaram a aparecer novas acusações e começa-se a usar o método da amálgama. Entre 15 e 17 de janeiro de 1935 são detidos Zinoviev, Kamenev e outros 15 dirigentes do grupo zinovievista de Leningrado que tinham participado da oposição conjunta de 1926. São acusados perante um Tribunal Militar de cumplicidade no assassinato de Kirov e de ter o objetivo de restaurar o capitalismo (...) Trotsky não foi acusado diretamente nesse processo, porém é mencionado que Nikolaiev (o assassino de Kirov) tinha estado com um consul estrangeiro que lhe pediu para que entregasse uma carta a Trotsky. (...) Trotsky faz uma declaração onde diz '(...) os únicos cônsules

que conheço são os que me negaram vistos (...) sempre me opus, do ponto dos interesses do movimento operário, ao recurso do terrorismo, tanto contra o czarismo como contra o Estado operário. Dezenas de artigos meus, publicados em diferentes idiomas estão dedicados à crítica implacável ao terrorismo individual. (...) Em agosto de 1936 é realizado o primeiro Processo de Moscou, onde é acusado um ‘centro zinovievista’ de ter preparado a morte de Kirov com o objetivo de tomar o poder. Treze dirigentes bolcheviques são fuzilados, entre eles Zinoviev, Kamenev e Smirnov. Em janeiro de 1937, é realizado o segundo Processo de Moscou. A guerra Civil espanhola já acontecia. Nesse momento, pela pressão do Kremlin, Trotsky tinha sido expulso da França e depois da Noruega e nenhum país do mundo lhe dava o direito de asilo. Nesse processo aparece um novo acusado do assassinato de Kirov: um ‘centro internacional zinovievista-trotskyista’ dirigido por Trotsky em acordo com a Gestapo. Desta vez são acusados dezessete. Os mais importantes são Piatakov, Radek, Sokolnikov e Serebriakov (...) Todos os acusados ‘confessaram’, se declararam culpados de terem trabalhado pela contrarrevolução desde 1918 seguindo as ‘instruções’ de Trotsky. Treze foram fuzilados. Radek, Sokolnikov e dois outros acusados tiveram a vida preservada. Radek foi assassinado depois, na prisão. Em janeiro de 1937 Trotsky chegou ao México, o único país que lhe deu asilo depois de sua deportação da Noruega. (...) Do México, Trotsky iniciou a campanha contra os processos. Parte disso é seu livro Os crimes de Stalin (...) Por proposta de Trotsky e a partir do trabalho do partido norte-americano, foi formada uma Comissão Investigadora Internacional que tinha o objetivo de pronunciar-se sobre a culpa ou a inocência de Trotsky. (...) presidida pelo educador e filósofo John Dewey (...) Em dezembro do mesmo ano proferiu sua sentença. Os 247 considerandos formaram um volume de 400 páginas que foi publicado com o título de ‘Inocente’: ‘Constatamos a falsidade dos Processos de Moscou. Constatamos a inocência de Trotsky e Leon Sedov’. (...) Porém os expurgos continuavam. Em 12 de maio de 1937 foi publicado um comunicado que informava a condenação à morte (...) do marechal Tujachevsky e de sete dos mais notáveis chefes militares do tempo da Revolução (...). Em julho, (...) velhos quadros bolcheviques georgianos (...) também foram (...) fuzilados. Em dezembro, seis dias depois de ter saído o pronunciamento da Comissão Dewey, um comunicado de Moscou anunciava a execução de oito pessoas: sete colaboradores do Comissariado de assuntos estrangeiros e o georgiano Avelli Yenukidze, que durante quinze anos foi secretário do Comitê Executivo Central dos Soveites. Em 15 de fevereiro de 1938, morreu, de forma duvidosa, Leon Sedov, o último dos filhos vivos de Trotsky. (...) Em janeiro de 1937, tinha sido preso Serguei Sedov. Supõe-se que tenha sido fuzilado junto com outros 82 acusados de ‘trotskyistas’. Em setembro de 1937, foi assassinado, na Suíça, Ignace Reiss, alto funcionário da GPU que tinha denunciado o stalinismo e aderido ao movimento pela IV Internacional. Em fevereiro de 1938, começou o terceiro Processo de Moscou. Agora os acusados foram vinte e um, entre eles Bukharin, Rikov, Rakovsky e Iagoda. (...) acusados de ter tentado destruir a indústria soviética, de serem cúmplices de potências estrangeiras desde 1918 e de terem impulsionado atividades terroristas, entre elas a morte de Kirov, tudo conforme as diretrizes de Trotsky. Como nos julgamentos anteriores, todos os acusados ‘admitiram sua culpa’ (...) Todos os acusados, menos Rakovsky, Bessenov e um velho médico condenados a vinte e quinze anos de prisão, foram fuzilados em 24 horas (...) esse expurgo, que Stalin necessitava para concretizar sua contrarrevolução não se limitou à Rússia, senão que também aconteceu no Komintern (...) em 20 de agosto de 1940, Ramon Merdacer assassinou Trotsky.” Alicia Sagra.

13. Leitura – números da contrarrevolução stalinista

14. Guerra Civil Espanhola

- “ (...) Com a queda da monarquia no começo da década, iniciou-se um forte ascenso operário e camponês com greves e ocupações de terra. Em 1936, a Frente Popular reunindo o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), o Partido Comunista, o POUM (Partido Operário de Unificação Marxista) e setores burgueses, venceu as eleições, mas não concedeu terras aos camponeses nem resolveu os problemas da classe operária. O movimento de massas seguiu em ascenso, precipitando a reação da direita em um golpe militar. A ação dos fascistas comandados por Franco contra a República iniciou a Revolução Espanhola. Os trabalhadores organizados em milícias antifascistas derrotaram a tentativa de golpe em boa parte da Espanha, que dividiu-se em duas zonas: uma controlada pelos fascistas e outra republicana, dando início a guerra civil. A burguesia e os latifundiários, que apoiaram os golpistas, fugiram das áreas controladas pelos republicanos e as milícias armadas assumiram o controle das fábricas, dos serviços públicos e das terras. O Estado republicano subsistiu de forma extremamente frágil, na verdade o poder real estava nas mãos dos trabalhadores. A política da Frente Popular foi devolver o poder à burguesia, que participou do governo somente com elementos secundários, à sombra da burguesia como dizia Trotsky. O PC, o PSOE e os anarquistas da CNT (Confederação Nacional do Trabalho) afirmaram que a tarefa da revolução não era a tomada do poder e sim a derrota dos fascistas. Portanto, os trabalhadores que já controlavam as empresas e as terras deveriam devolvê-las. Trotsky defendeu o oposto. Baseado na experiência da Revolução Russa, afirmou que a vitória na guerra civil seria o resultado da conquista do poder pelo proletariado. E que a política da Frente Popular de deter a revolução, limitando-a à derrota do fascismo, acabaria dando a vitória aos fascistas – o que de fato se verificou em 1939 – pois as massas lutavam contra o fascismo e também por terra, trabalho e uma vida digna. Contra a política do PC e do PSOE, foi construído na região da Catalunha o POUM. Uma forte organização com implantação na classe operária que chegou a ter mais de 10 mil milicianos armados. O POUM surgiu da fusão entre uma corrente com origem na Oposição de Esquerda, cujo principal dirigente era Andreu Nin, e o Bloco Operário e Camponês. Nin, ex-dirigente da CNT, esteve na URSS, e foi um dos principais dirigentes da Internacional Sindical Vermelha. Com a ascensão do stalinismo, vinculou-se à Oposição de Esquerda e em 1930 voltou a Barcelona. Trotsky rompeu relações com Nin quando o POUM assinou o programa da Frente Popular, e em nome da unidade, este decidiu entrar no governo, aceitando o cargo de ministro da Justiça do governo catalão.

As conseqüências da entrada no governo surgiram rapidamente. Uma das primeiras decisões deste foi precisamente a dissolução dos comitês populares nascidos das jornadas revolucionárias, instrumentos de duplo poder, e a restauração de um governo burguês, como tinha sido feito no resto da Espanha republicana. Em 37, a Frente Popular desencadeou uma ofensiva em Barcelona para desarmar os operários, que resistiram bravamente. Mas seus dirigentes, anarquistas e poumistas estavam demasiado vinculados à Frente Popular e aceitaram um cessar-fogo que permitiu ao governo assumir o controle da cidade. Em seguida, o stalinismo tornou ilegal o POUM sob a acusação de colaborar com os fascistas. Nin foi preso e assassinado. (...) Apesar de suas intenções, o POUM se achou, no fim das contas, o principal obstáculo no caminho da construção de um partido revolucionário. A Revolução não combina com o centrismo. (...) O medo de se isolar da burguesia leva a se isolar das massas. (...) site do PSTU.

15. A Quarta Internacional – leitura (discurso de fundação da IV Internacional, México, 1938)

- *“Em maio de 1938, Trotsky escreve uma carta a um camarada belga, onde insiste na necessidade de concretizar a fundação da IV Internacional: ‘ Você está completamente de acordo comigo de que a IV está sendo construída unicamente por nós, que nenhum outro grupo é capaz neste momento de desempenhar ou de empreender essa tarefa (...) Parece que para você o nome IV Internacional impediria a organizações simpatizantes ou meio simpatizantes de se aproximarem de nós. Isso é completamente errado. Nós só podemos atrair outro com uma política clara e correta. Para isso devemos ter uma organização e não uma mancha nebulosa (...) O paradoxo reside no fato de que aqueles que se chamam ‘pró’ IV Internacional desenvolvem na realidade uma luta contra a IV Internacional (...) É preciso dedicar a maior atenção aos grupos da classe operária, vacilantes, imaturos, que estão se dirigindo a nós. Porém, não podemos fazer concessões nos princípios aos sectários dirigentes centristas que não querem reconhecer nossa organização internacional, nossa disciplina. Isto significa que você quer uma Internacional monolítica? (...) Não (...) toda a história da IV Internacional e de cada uma de suas seções mostra uma constante, ininterrupta e livre luta de tendências e pontos de vista. Porém, como nossa experiência mostra, essa luta mantém um caráter saudável só quando seus participantes se consideram membros de uma mesma organização nacional e internacional, que tem seu programa e sus estatutos (...) a discussão adquire um caráter venenoso quando alguns dirigentes se mantêm com um pé dentro de nossa organização e outro fora dela (...)” Alicia Sagra*

16. A Quarta Internacional – leitura Programa de Transição

- *“Em 03 de setembro de 1938, a IV Internacional foi fundada em uma conferência realizada em Paris. Participaram dez seções – URSS, Grã Bretanha, França, Alemanha, Polônia, Itália, Grécia, Holanda, Bélgica e Estados Unidos - e mais um delegado representando a América Latina (o brasileiro Mario Pedrosa). Trotsky não participou da conferência por razões de segurança. Dias antes Rudolf Klement [Um dos secretários de Trotsky e era um dos responsáveis da organização do Congresso] tinha sido assassinado pela GPU. O Congresso durou só um dia e nele foi aprovado o ‘Programa de Transição’. (...) As pressões provocadas pelo avanço do nazismo e do stalinismo levaram á capitulação diversos setores que num primeiro momento tinham se incorporado na tarefa de construir uma nova Internacional. Por esse motivo, a IV foi fundada pelo que fora a Oposição de Esquerda Internacional, com algumas seções enriquecidas por revolucionários de diferentes tradições através da tática do entrismo e das fusões, o maior exemplo disso foi o SWP norte-americano. (...) depois de sua fundação a IV se dirigia a organizações que tinham rompido com o stalinismo e com a socia-democracia propondo-lhes discussões programáticas e tarefas comuns para assim encarar juntos a construção da Internacional (...) Alícia Sagra.*

17. Trotsky no México – Assassinato de Trotsky

- *“A Quarta ficou órfã de direção, já que era qualitativa a diferença entre Trotsky e os jovens dirigentes que estavam se formando nas fileiras da IV Internacional. A IV, que, como dizia Moreno, nasceu com uma cabeça gigante em um corpo de anão ficou qualitativamente debilitada no momento em que devia participar de uma guerra mundial enfrentando os ataques do fascismo e do stalinismo. O debilitamento qualitativo de sua direção não só a impediu de reorientar sua política, senão que foi a casa de que não pudesse garantir uma intervenção centralizada.” Alicia Sagra.*

18. Brasil – Mario Pedrosa – Oposição de Esquerda

- O pernambucano Mario Xavier de Andrade Pedrosa tinha 17 anos quando ocorreu a Revolução Russa, filiou-se ao Partido Comunista, em 1926. Dois anos depois, incorporava-se às fileiras da Oposição de Esquerda.

A organização da Oposição de Esquerda no Brasil

“Para José Castilho, a origem do movimento trotskista no Brasil é explicada de forma simplista. Mario Pedrosa, que havia sido designado para a Escola Leninista de Moscou, contrai uma doença quando estava na Alemanha, sendo obrigado a adiar sua viagem. Na Europa entra em contato com os opositoristas e desiste de ir para Moscou, retornando ao Brasil disposto a organizar o movimento opositorista brasileiro, a partir das concepções de Trotski. José Castilho (...) observa que o “núcleo dirigente” do que se constituiria no Grupo Comunista Lenine (GCL) – Livio Xavier, Rodolpho Coutinho, João Dalla Déa, Wenceslau Escobar Azambuja – “tendo permanecido no Brasil, foi protagonista das controvérsias e cisões do PCB, de 1927 a 1929”. O grupo opôs-se à política de alianças que levou à constituição do Bloco Operário e Camponês (BOC), à política sindical que derrotou a greve dos gráficos, e às depurações promovidas com a virada esquerdista materializada, no Brasil, no III Congresso do Partido que impediu a participação dos opositoristas, sequer pautando a leitura do manifesto em protesto à exclusão da célula 4R, dos gráficos de “O Paiz”. O GCL se formou como um grupo de debates que se reivindicava como uma fração do PCB, visando contrapor a política revolucionária ao “aventureirismo oportunista da burocracia dirigente do partido”. Segundo José Castilho, o Secretariado Internacional Provisório da Oposição de Esquerda (SI), recém-formado, entra imediatamente em contato com os opositoristas brasileiros, através de uma carta convocação para uma reunião no dia 13 de abril. O Grupo responde ao SI relatando a sua origem em 28 em torno das questões sindicais, a ruptura do setor que sucumbiu ao sindicalismo, a elaboração em curso das críticas às teses do PCB do III Congresso e declarando “que nosso grupo adota a mesma posição de Trotski e da Verité em três questões – a teoria da edificação do socialismo em um só país, a questão do Comitê Anglo-Russo e a questão Chinesa”. O jornal Luta de Classe, porta-voz do GCL, foi lançado em 8 de maio de 1930. O primeiro número busca esclarecer a origem do grupo e suas diferenças com o PCB. Posiciona-se contra a burguesia e os privilégios de classe, também contra a deformação da direção do PCB. Reivindicando a tradição bolchevique, postula-se como fração do PCB, com o objetivo de reintegrar o Partido à linha revolucionária. Seu principal alvo é combater a estratégia da aliança de classes que visa à efetivação da “revolução democrático-burguesa”, ou seja, é contra o etapismo: “como se sabe, tem-se pretendido vulgarizar a ideia obtusa de que o proletariado primeiro deve resolver os problemas nacionais da burguesia, para depois realizar a obra de sua libertação!” Embora o GCT não tenha conseguido se firmar organicamente, o número 5 de Luta de Classe, o derradeiro do grupo, foi recolhido pelas tropas da Aliança Liberal, conseguiu aglutinar o grupo enquanto Oposição de Esquerda no Brasil. O GCT contribuiu também para a formação do movimento opositorista internacional, participando, em abril de 1930, da Conferência Internacional da Oposição de Esquerda. Após a derrubada do governo oligárquico, Mario Pedrosa, que havia participado com seu frágil e pequeno grupo das manifestações, destruindo arquivos da Polícia Política e empastelando a sede de uma Liga Fascista, adoece, contribuindo para a desarticulação do GCT. Contudo, a expulsão de Aristides Lobo do PCB, que lança uma “Carta aberta aos membros do Partido Comunista” em dezembro de 1930, serve de impulso para a retomada do grupo. Em 12 de outubro de 1930, Mário Pedrosa e Lívio Xavier, sob o pseudônimo de M. Camboa e L. Lyon, elaboram o “Esboço de análise da situação Brasileira”, publicado em Luta de Classe número 6, retomada agora como órgão da Liga Comunista. O texto estabelece as diferenças de análise, caracterização e política entre a oposição e o PCB, sob a luz das teses da Oposição de Esquerda. Além de seu pioneirismo “na análise de

questões hoje consagradas pela historiografia, como a Revolução de 1930”, apesar de curto, “apresenta uma lúcida crítica da situação social do Brasil”. O documento afirma que o caráter da exploração rural colonial no Brasil antecede a formação do Estado: “nunca houve aqui terras livres; também não conhecemos o colono livre, dono de seus meios de produção”; a dependência do trabalhador em relação ao capitalista, proprietário dos meios de produção foi “criada por meios artificiais”, através da “apropriação da terra pelo Estado, que a converteu em propriedade privada, e a introdução da escravidão indígena e negra: numa palavra, a colonização sistemática.” A “destruição do regime escravagista” favoreceu “nova expansão à indústria inglesa que monopolizava, então, o mercado mundial”. No Brasil, “a burguesia nasceu no campo, não na cidade”: “a produção colonial foi destinada desde o começo aos mercados externos”. De acordo com o “Esboço”, a República foi imposta pela “burguesia cafeeira do estado de São Paulo” que se tornou hegemônico. A “forma federativa” permitiu “o desenvolvimento capitalista nas antigas províncias, unidas por liames puramente políticos”, porém, “separadas por uma diversidade quase sem igual de possibilidades econômicas”. O progresso econômico no país, corresponde a uma integração cada vez maior à economia mundial e à entrada na “esfera de atração imperialista”: o “imperialismo altera constantemente a estrutura econômica dos países coloniais e das regiões submetidas à sua influência, impedindo o seu desenvolvimento capitalista normal, não permitindo que esse desenvolvimento se realize de maneira formal nos limites do Estado”. Desta relação, surge uma burguesia nacional “velha e reacionária, com ideais democráticos corruptos”. Desta relação também advém a necessidade do “apoio direto do Estado” para o desenvolvimento industrial: “a indústria nasce ligada ao Estado pelo cordão umbilical”. A burguesia brasileira “só começa a adquirir sua consciência de classe graças a seu pavor da revolução social”. A burguesia paulista “sacrificou seus interesses gerais de classe e seu interesse político em benefício de interesses particulares mais limitados, mais imediatamente materiais”: esta é a motivação da “luta de uma parte da burguesia nacional contra o Partido Republicano Paulista”. Com o “desenvolvimento econômico dos outros estados do Brasil, é natural que os partidos dominantes nesses estados desejem participar cada vez mais – em pé de igualdade – da gestão do aparelho do governo central”, uma vez que “o poder executivo tornou-se, na sociedade brasileira, a força decisiva que permite à oligarquia do partido que o exerce um domínio quase completo”. As “oligarquias estaduais tem cada vez mais necessidade do poder federal”, daí a luta pela Presidência da República: “o levante atual marca um momento desse processo”, já que “os estados revoltados procuram resolver pelas armas a violenta contradição que opõe a forma política federativa ao desenvolvimento pacífico das forças produtoras”; a “burguesia brasileira procura uma forma conciliadora entre a tendência à centralização do governo e a forma federativa, garantia da unidade política do Brasil”. No ato de fundação da Liga Comunista do Brasil, em 21.01.1931, parte da Oposição de Esquerda Internacional, é lançada a palavra de ordem da “Assembléia Constituinte”; no campo sindical, diferencia-se do PCB com sua política de “sindicatos vermelhos” defendendo uma política de unidade sindical. A Liga, “apesar da orientação fracional, acabou, na prática, levando uma política autônoma, diferenciada da do PCB”. Com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, a Liga desencadeia “uma política de frente única das organizações dos trabalhadores de combate ao fascismo”. Faz um chamado ao PCB e, ao não obter resposta, cria um jornal, O Homem Livre, porta-voz da Frente Única antifascista (FUA), fundada em 1933, “agrupando trotskistas, socialistas, sindicatos, imigrantes, sobretudo italianos e, em determinados momentos, até os comunistas”. Em outubro de 1933, responde a convocação de Trotski a favor de novos partidos e da constituição de uma nova Internacional A justificativa para a ruptura foi a traição da Internacional Comunista com sua política do “social-fascismo” que facilitou a ascensão do nazifascismo. A Liga, então, alterou o nome da organização para Liga Comunista Internacionalista (LCI). No 1º de maio de 1934, a FUA organiza um comício contra o integralismo e o governo Vargas e no dia 7, de outubro, realiza uma contramanifestação, dissolvendo um comício integralista na Praça da Sé,

sem São Paulo. Houve mortos, dezenas de feridos, entre eles Mario Pedrosa, ficando conhecido o episódio como a “revoada dos galinhas-verdes”. A política de “entrismo” nos partidos socialistas, impulsionada por Trotski, provocou crise, por ser compreendida por alguns setores como “capitulação perante o reformismo”. A crise repercutiu no Brasil com a ruptura do grupo liderado por Aristides Lobo e Victor Azevedo, que já havia apresentado discordância ao se recusar a participar da contramanifestação de 7 de outubro de 1934. Disposto a manter o nome de LCI, o grupo deflagrou uma luta fracional. A criação da Aliança Nacional Libertadora, com adesão de um setor amplo do movimento operário à política de “frente popular” e a repressão desencadeada pelo governo Vargas após a tentativa de putsch em Natal, Recife e Rio de Janeiro, capitaneada pelo PCB em 1935, fragilizaram a LCI. Os remanescentes da Liga reagruparam-se no Grupo Bolchevique-Leninista e fundaram, “com uma cisão do PCB, a Oposição Classista, o Partido Operário Leninista (POL) em janeiro de 1937”. O POL apoiou o lançamento da candidatura de Prestes para as eleições presidenciais que não ocorreram em virtude do golpe do Estado Novo. Mario Pedrosa vai para o exílio, onde cumpre importante papel na fundação da IV Internacional, e o POL é praticamente desarticulado pela repressão. (...) Em 3 de setembro de 1938, Mário Pedrosa participava, representando os 50 militantes do POL, da Conferência de Fundação da IV Internacional. A Conferência ocorria em um celeiro, na periferia de Paris. Delegações de 12 países participaram, sendo as principais a do SWP (EUA) com 2.500 militantes, do POI (França) com 600 militantes e do PSR (Bélgica) com 800 militantes. Naville abriu a conferência que ocorria na extrema clandestinidade, necessária perante as baixas provocadas pelos agentes da GPU, por isso duraria apenas um dia e não contaria com a presença de Trotski. Mario Pedrosa foi eleito para o Comitê Executivo Internacional como representante da América Latina. Nas “Saudações aos nossos mártires vivos e aos nossos heróis mortos” foi feita uma menção a Hilcar Leite, doente, torturado e sentenciado, por reafirmar, da prisão, “sua fé inquebrantável na vitória de nossa causa”. Entre os textos aprovados, o Estatuto e o Programa de Transição.ⁱ Uma das principais questões debatidas no Congresso de Fundação da IV Internacional foi a defesa incondicional da URSS perante a possibilidade de ser invadida durante o novo conflito mundial. A formulação de defesa incondicional foi aprovada e não houve grande problemas até a divulgação dos acordos secretos entre Hitler e Stalin. O pacto estabelecia a invasão e divisão da Polônia, a Finlândia e os países dos Bálcãs. Em 9 de novembro de 1939, Mario Pedrosa questiona a defesa incondicional da URSS através do artigo “The defense of the USSR in the present war” a partir da discussão da caracterização da natureza do Estado soviético. Trotski entendia a defesa incondicional da URSS, como salvaguarda da revolução internacional. Para Trotski, a defesa do Estado Soviético estava, de fato, relacionada à sua natureza: “reconhecer na URSS um Estado operário – não o modelo deste Estado, mas sim uma deformação do modelo – não significa de forma alguma que seja concedida à burocracia soviética uma anistia teórica e política; pelo contrário, seu caráter reacionário aparece plenamente à luz da contradição entre sua política anti-proletária e as exigências do Estado operário”. Dessa forma, “defender a URSS é não só lutar sem reservas contra o imperialismo, como também preparar a derrubada da burocracia bonapartista.”ⁱⁱ Derrubar a burocracia é uma necessidade para a defesa das conquistas da revolução uma vez que “a burocracia, explorando os antagonismos sociais, tornou-se uma casta incontrolável, estranha ao socialismo”. Por existir uma contra-revolução em curso, “a evolução das contradições acumuladas pode conduzir ao socialismo ou fazer recuar a sociedade para o capitalismo” Mas no momento da guerra imperialista em curso, esta definição não estava dada, a URSS era, para Trotski e para a IV Internacional, um Estado operário burocraticamente degenerado. Mario Pedrosa afastou-se das fileiras trotskistas em 1940 por discordar da caracterização da IV sobre a URSS e da política de defesa incondicional. Pedrosa caracterizou o Estado Soviético como um “Estado livre burocratizado”, entendendo por “livre” a “ausência de compromisso com seus cidadãos”, um “Estado com um governo despótico”.ⁱⁱⁱ Quando retorna ao Brasil, em 1945, Pedrosa funda o

jornal Vanguarda Socialista, em torno do qual articulará seu antigo grupo. A história do trotskismo no Brasil seguiu, apesar da repressão do Estado Novo e da situação internacional adversa, mas sem Pedrosa. O Partido Socialista Revolucionário (PSR), formado em 1939, seção da IV Internacional foi liderado por Hermínio Sachetta, ex-dirigente do PCB de São Paulo. (...) Elisa Guimarães, “Mário Pedrosa: intelectual e militante. Encontros, Revista do Departamento de História do Colégio Pedro II, 2009.

19. Prestes – “Intentona comunista”

- *“O acontecimento mais importante no âmbito da III IC no período de 1930 a 1935 foi a realização do VII Congresso, entre os dias 25 de julho e 20 de agosto de 1935, em Moscou. (...) No dia 2 de agosto, George Dimitrov faz um longo discurso em que defende a constituição de frentes populares (...) articulando a mais ampla frente de combate ao nazifascismo. A ANL é citada como um exemplo a ser seguido (esta referência será usada posteriormente (...) pelos militares brasileiros para mostrar os vínculos da Internacional comunista com a ANL tida como extensão do Partido Comunista. Vitoriosa essa tese, a estratégia que havia sido definida no VI Congresso, inaugurando o chamado ‘terceiro período’, devia ser abandonada. (...) João Quartim de Moraes, analisando esta questão, afirma que ‘a efervescência política nos quartéis constitui um dado objetivo da situação nacional. Este dado exerceu, não somente em Miranda, mas certamente também em Prestes, muito maior influência do que a mão de Moscou na decisão desencadeadora manu militari da revolução proletária’ (...) se é verdade que os ‘camaradas soviéticos’ não tenham autorizado o levante (pelo menos da forma como se deu em Natal, Recife e Rio de Janeiro) parece inegável que sabiam de sua preparação”. Homero Costa, A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia. São Paulo, Ensaio, 1995.*
- *“Mais cedo que esperávamos as nossas previsões foram inteiramente confirmadas: o aliancismo stalinista com seu ‘führer’ Luiz Carlos Prestes à frente acabou tentando um ‘putsh’ militar na impossibilidade de arrastar a massa à revolução. Desta forma o sórdido oportunismo ideológico em que caíram os stalinistas foi coroado pelo aventureirismo golpista mais descabelado. (...) No dia 27 de novembro, uma edição clandestina de A Manhã dava, em alguns itens os objetivos do movimento. Aí se avisava antecipadamente às massas exploradas que respeitassem os privilégios da classe dominante, sendo sagrada a propriedade privada, invioláveis os depósitos nos bancos, etc. A chamada ‘revolução nacional libertadora’ se reduzia assim, à derrubada de Getúlio e nada mais. (...) A massa era convidada a nela compor parte, mas com todo cuidado para não pisar os calos da burguesia. O Resultado não poderia ser diferente do que foi: o golpe preparado na sombra de uma clássica conspirata de quartel foi instantaneamente reprimido, sobretudo no Rio, onde a abstenção da massa foi completa. O governo pôde esmagá-la, assim, em algumas horas, com uma ferocidade de bandidos alucinados, antes de o proletariado poder tomar conhecimento do que se passava. A vanguarda da classe foi apanhada de surpresa, e nada pôde fazer. A própria base do PCB assistiu tonta ou bestificada ao movimento. (...) No Norte, apesar de uma participação mais ativa, mas ainda assim precária, de certas camadas populares, apesar da repressão ter sido inicialmente menos feroz do que no Rio, a rebelião ter-se prolongado por mais tempo, chegando mesmo a obter considerável êxito no começo, como em Natal, onde os revoltosos se viram por alguns dias senhores da cidade, ainda assim o movimento ficou isolado, não tendo tido condições ou oportunidade para ligar-se às massas, e aprofundar-se. (...)” Fulvio Abramo e Dainis Karepovs (orgs). Na Contracorrente da História. São Paulo: Sundermann, 2015.*

20. Olga Benário entregue aos nazistas – Prestes e Vargas juntos em comício

- Após uma década na prisão, e tendo sua companheira Olga Benário, judia, entregue aos nazistas, Prestes, posto em liberdade por Vargas no final do Estado Novo, segue a política de conciliação de classes do PCB. Durante todo o “período democrático”, de 1945 à 1964, o PCB se mantém na prática como uma ala a esquerda do PTB, numa política de capitulação, apoio e pressão aos diferentes governos.
-